



Os números do turismo preocupam a associação Casas Açorianas. Gilberto Vieira defende uma política assertiva para o transporte aéreo e uma promoção mais afinada no mercado nacional.

GILBERTO VIEIRA, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO CASAS AÇORIANAS

“Deveríamos estar já a gizar um plano de promoção a curto e médio prazo”

A ASSOCIAÇÃO DE TURISMO EM ESPAÇO RURAL “CASAS AÇORIANAS” ASSINALA, ESTE ANO, 25 ANOS. QUE BALANÇO FAZ DESTE PERCURSO E QUE DESAFIOS ENFRENTA HOJE?

A Associação de Turismo em Espaço Rural – Casas Açorianas está efetivamente a comemorar o seu 25º aniversário, e ainda há dias, na data em que ficou registada, fizemos uma conferência de imprensa para assinalar o facto. No entanto, a nossa tipologia de alojamento já existia antes da constituição da associação e, em várias ilhas, era praticamente a única oferta de alojamento. Os proprietários começaram então a perceber que tinham muito em comum, quer de positivo quer de problemas, os quais eram dificilmente ultrapassáveis isoladamente, por se tratar de pequenas unidades de alojamento. Daí que tivessem sentido a necessidade de se juntarem numa associação para se constituírem como produto turístico e que funcionasse como um elo de agregação territorial desta oferta dos Açores. Uma das nossas preocupações foi, desde sempre, promover a oferta de alojamento sob a marca “Casas Açorianas”, tendo consciência que ao fazê-lo estávamos também a promover o destino Açores, se bem que nem sempre este trabalho foi reconhecido por quem de direito. Para tal, sempre estivemos presentes junto do nosso principal mercado, o português, participando por exemplo na BTL, criando um site de divul-

gação e editando um Guia das Casas Açorianas. O balanço que posso fazer, perdoem-me a imodéstia, é muito positivo, tendo a consciência de que é sempre possível fazer mais, mas como disse somos uma associação de pequenas empresas e nem sempre os apoios de que necessitávamos da parte das entidades oficiais se fizeram presentes.

ESTE ANO, O ENCONTRO ANUAL DAS CASAS AÇORIANAS, QUE DECORRE NA ILHA TERCEIRA, TEM COMO TEMA “RUMO: COMO VOLTAR AO CRESCIMENTO?”. A QUEBRA HOMÓLOGA DE DORMIDAS DOS ÚLTIMOS MESES É PREOCUPANTE? FAZ ANTEVER UMA CRISE NO SETOR?

Indo direto à sua primeira questão, sim, a queda da vinda de turistas que os Açores têm vindo a registar há meses é preocupante. É preciso analisar ao pormenor os números para encontramos as causas, e a mais importante tem diretamente a ver com a falta de uma política assertiva para o transporte aéreo, porque somos um território insular e descontinuado e é por avião que nos chegam os turistas. A segunda causa prende-se com a queda do mercado nacional. Basta olhar para os dados oficiais do Serviço Regional de Estatística dos Açores, para se perceber que a maior queda mais acentuada tem sido no mercado nacional - leia-se turistas vindos do continente -, no nosso principal mercado. E isso tem a ver com vários fatores, sendo o principal a falta de promoção dos Açores, pelo



GILBERTO VIEIRA. “A nossa associação já tinha alertado para esta situação no final do ano passado. Apresentámos até uma proposta”

que há que procurar fazer uma promoção mais afinada. Se esta situação faz antever uma crise no setor, eu, como disse, estou preocupado, mas não sou derrotista, por isso penso que juntos, entidades privadas e públicas, podemos dar a volta a esta situação, mas para que aconteça, temos de alterar rapidamente uma série de situações, ter uma dotação orçamental efetiva para a VisitAçores, e a partir daí traçar um plano de “emergência” que atue em alguns mercados.

ESTA DESCIDA TEM-SE REFLETIDO DE FORMA MAIS ACENTUADA NO TURISMO EM ESPAÇO RURAL. DE JANEIRO A ABRIL, A REDUÇÃO HOMÓLOGA NESTA TIPOLOGIA FOI DE 18,4%, QUANDO NO ALOJAMENTO LOCAL ATINGIU OS 14,9% E NA HOTELARIA 2,2%. O QUE JUSTIFICA ESTES NÚMEROS? TEM FALTADO PROMOÇÃO DIRIGIDA AO NICHOS DE TURISTAS QUE PROCURA ALOJAMENTO EM ESPAÇO RURAL?

É verdade, o Turismo em Espaço Rural tem também tido uma queda no número de turistas e sabemos que isso está a penalizar os empre-

sários, os nossos associados. Mais uma vez, é preciso analisar os números, e ler as estatísticas apenas com base nos percentuais nem sempre é o melhor, porque médias são médias e tudo depende dos valores base de onde se parte. Nós somos pequenas unidades que, no seu conjunto, têm uma oferta de quartos pequena, pelo que o impacto é diferente daquilo que acontece com outras tipologias de alojamento que têm uma oferta enorme de quartos e, conseqüentemente, partem de um número de hóspedes e de dormidas muito mais elevado. O que eu quero dizer é que, se falarmos em 400 hóspedes, uma quebra de 18,4% seria menos 73 clientes, mas se falarmos em 30.000, essa mesma quebra representaria qualquer coisa como 6.600 clientes. Isto só para dizer que o impacto, no nosso caso, é mais pequeno do que aquilo que as percentagens sugerem, mas claro que tudo isto é preocupante. A nossa associação já tinha alertado para esta situação no final do ano passado. Apresentámos até uma

Recuperar o mercado nacional

“Já não iremos a tempo de fazer campanhas para este verão, mas temos de traçar o tal plano de curto prazo, para o inverno de 2026/27 e uma forte intervenção no mercado que tenha em vista o período da Páscoa e o verão de 2027, para recuperarmos o que temos vindo a perder de turistas do continente”.

proposta, no âmbito do Contrato Programa que temos com o Governo Regional, de ampliarmos a nossa promoção, organizando press trips, em conjunto com alguns municípios, e estarmos presentes em duas feiras internacionais, em especial na FITUR em Madrid, para além da

BTL em que participamos inseridos no espaço dos Açores, e traduzir e editar algum material promocional em espanhol e inglês. Infelizmente não foi possível termos esses apoios, mas a “esperança é a última a morrer”.

O QUE DEVE SER FEITO PARA INVERTER ESTA TENDÊNCIA DE DECRÉSCIMO? A REGIÃO JÁ DEVEIA TER TOMADO MEDIDAS PARA ESTANCAR ESTA QUEBRA DE TURISTAS?

Como já referi anteriormente, deveríamos estar já a gizir um plano de promoção, a curto e médio prazo, traçando metas e objetivos a atingir. O mercado nacional, pelo peso que tem nos Açores, deveria ser o primeiro a “atacar”, mas para que resulte seria necessário envolver vários players do mercado, nomeadamente os hoteleiros, os principais operadores turísticos e redes agências de viagens e, acima de tudo, as companhias aéreas (SATA e TAP), no sentido de se tentar que o preço para se viajar para os Açores não inflacione o preço nem a competitividade do destino face à concorrência. Já não iremos a tempo de fazer campanhas para este verão, mas temos de traçar o tal plano de curto prazo, para o inverno de 2026/27 e uma forte intervenção no mercado que tenha em vista o período da Páscoa e o verão de 2027, para recuperarmos o que temos vindo a perder de turistas do continente.



TURISMO EM ESPAÇO RURAL. Empresários do setor criaram uma associação há 25 anos para se constituírem como produto turístico

editorial.

FALTA LIGAR-NOS À CORRENTE

A Terceira tem a dimensão certa para apostar forte na mobilidade elétrica. Raramente, nas nossas deslocações diárias andamos mais do que a média de cem quilómetros. Sendo verdade que cada vez há mais viaturas movidas a eletricidade, achamos que poderia haver mais, assim fossem criados incentivos. O primeiro desses incentivos é uma rede pública para ligar à corrente que tarda em aumentar nos espaços urbanos. Quem vive fora das cidades pode ter o seu posto de abastecimento doméstico e até há apoios financeiros para o dito cujo, mas quem vive no espaço urbano não beneficia ainda de condições semelhantes. Por um lado incentivam-se os automobilistas a estacionarem as suas viaturas nos parques localizados nos acessos principais à cidade, mas faltam os pontos de ligação à rede elétrica. Por outro lado, o exemplo de dois pontos de ligação à rede, junto ao Tribunal de Angra, não colhe réplica notória em muitos outros pontos da cidade, logo desincentiva os angrenses à troca de viatura poluente por uma mais amiga do Ambiente.

Já nem falamos dos preços das viaturas elétricas por comparação às de combustíveis fósseis. Mas existem apoios nacionais e regionais que são motivadores à troca. O problema maior reside, de facto, na rede de abastecimento no que respeita aos angrenses e praienses. Imaginamos que uma tal rede não nasça de geração espontânea e que a infraestrutura dê trabalho e despesa. Já estamos a ver a necessidade de, rua a rua, abrir valas, estender cabos até à fonte mais próxima. Mas se não for feito, podemos andar a vender aos quatro ventos a mobilidade particular elétrica que os angrenses torcerão o nariz enquanto essas condições não aparecerem. Se calhar, até há PRR à espera e porventura logo mais caduca - diz quem não percebe nada de finanças nem consta que tenha biblioteca.

Outra via para diminuir as emissões de carbono por via da reforma do parque automóvel é manter as viaturas a combustão fóssil mas com motores de última geração e de baixa cilindrada, criando para o efeito incentivos de abate às viaturas com mais idade. Dizem os entendidos que países de baixa renda como o nosso terão ainda de passar por esse patamar antes de chegarem ao elétrico. Dizem também que os efeitos na redução das emissões seriam fantásticos e mais rapidamente conseguidos do que se estivermos à espera de a maior parte dos portugueses passar a andar em viaturas elétricas.

Várias formas de atingir o mesmo objetivo na mobilidade. Parece que por vivermos em ilhas, não nos preocupamos em demasia com as emissões de carbono. Somos poucos, no meio do oceano, à mercê dos ventos que, aparentemente, tudo limpam. Mas, objetivamente, não é assim e contribuímos como os demais para o aquecimento do planeta e, se não tomarmos cuidado, sofreremos as consequências do nosso contributo, por mais modesto que seja.